

“As mulheres levam sobre seus ombros a metade do céu e devem conquistá-la.”  
Presidente Mao Tsetung

# MFP

# Movimento Feminino Popular

movimentofemininopopularbrasil@gmail.com - movimentofemininopopular.com.br

março - 2024

# Viva a resistência das mulheres palestinas!



A Sagrada Guerra de Resistência Palestina impõe ao imperialismo graves derrotas táticas

Conheça o novo site do MFP! Acesse [movimentofemininopopular.com.br](http://movimentofemininopopular.com.br)

Governo Luiz Inácio/PT

## A situação das mulheres não mudou em nada

Página 3



## Sem derrotar o imperialismo não haverá emancipação

Editorial

## Origem e significado do 8 de março

Página 4

# Sem derrotar o imperialismo não haverá emancipação das mulheres

Em um momento chave da sagrada Guerra de Resistência Nacional Palestina, os Estados Unidos (EUA) escancaram sua atuação como inimigo maior dos povos do mundo. Raras vezes um politiquieiro ianque foi tão aberta, descarada e incondicionalmente sionista como Joe Biden, o que joga por terra o discurso enganador que pretende apresentar como essencialmente distintos “democratas” e “republicanos”. Ambos rivalizam, isto sim, em rapinagem e genocídio, confirmando a poderosa análise de Lenin de que o imperialismo não é uma política, que pode ser alterada com a alternância de um governo, mas é a etapa superior e última do capitalismo, época de reação e violência em toda a linha e antessala da Revolução Proletária Mundial.

O povo palestino vive em uma prisão a céu aberto há mais de 70 anos, sob constante bloqueio econômico, vigilância militar, rotina de agressões sionistas - tanto por parte das forças militares como por parte dos colonos -, e expulsão em massa de milhões de pessoas, situação que chegou ao paroxismo desde a reação à heroica operação do Dilúvio Al-Aqsa em 7 de outubro de 2023. A reação de Netanyahu e das bestas sionistas que o seguem é mera demonstração de covardia e desespero ante o levantamento irresistível das massas palestinas. Desde outubro Israel já assassinou mais de 28 mil palestinos. E quem são essas pessoas? Cerca de 70% delas são mulheres e crianças.

O apoio incondicional



dos EUA ao genocídio cometido por Israel atesta o papel do imperialismo como maior inimigo dos povos do mundo, em sua ganância por dominar territórios e impor governos fantoches e ampliar seu domínio, conjurar o perigo crescente de seu declínio e assegurar-se como superpotência hegemônica única. Não é dessa forma que tem agido no Oriente Médio Ampliado há tanto tempo? A exemplo as invasões no Iraque e Afeganistão, permanente ameaças ao Irã, República Democrática Popular da Coreia e Venezuela, o financiamento e apoio a golpes de Estado na Ucrânia e outras ex-repúblicas da antiga URSS etc.

Os agressores não recorrem a tais barbáries por serem fortes, como querem fazer crer os reformistas, mas porque sentem o poder lhes escapar das mãos ante a resistência heroica e indomável e a rebelião dos oprimidos. O imperialismo impõe guerras injustas como parte da partilha e repartilha do mundo para superar suas crises. A con-

centração de renda e empobrecimento das massas no mundo impõe desafios políticos insuperáveis para o imperialismo.

Pois sim, dados de 2023 apontam que as 5 maiores empresas do mundo tem juntas o valor do PIB das economias da África, da América Latina e do Caribe. O fundador da empresa Amazon, Jeff Bezos, um dos mais ricos do mundo, aumentou em mais de 30 milhões de dólares desde 2020 sua já fortuna bilionária, às custas de chupar o sangue do proletariado no Terceiro Mundo e mesmo da deterioração dos direitos sociais nos países imperialistas. Este é o caminho de todas as empresas monopolistas, incompatíveis inclusive com as liberdades democráticas consagradas pela revolução burguesa, razão inevitável do ascenso do fascismo contemporâneo.

Em resposta a esta situação, no último ano, protestos se elevam em diversas partes do mundo contra a exploração dos grandes monopólios. Na Inglaterra,

uma greve geral de meio milhão de trabalhadores tomou o país, que passa por uma grave crise econômica submetendo o povo a uma queda na sua condição de vida. Na China, uma onda de demissões em massa nas empresas monopolistas elevou a explosividade dos protestos, como ocorreu no Parque Industrial Jianqiao, na cidade de Chongqing, e na rebelião da província de Zhengzhou. Além disso, a crise imobiliária chinesa assombra a economia mundial.

A América Latina, considerada pelo imperialismo como seu quintal, também arde em rebeliões como na Argentina onde o governo reacionário Milei impôs um decreto anti-povo contra os trabalhadores e demais massas populares, que dão resposta a altura em protestos multitudinários. Nem a restrição das liberdades de manifestação, expressão e organização impediu as revoltas.

Sendo a metade da classe as mulheres também carregam sobre si o peso dessa exploração. Para seguir com seus ideais de superpotência, o moribundo imperialismo mantém e impulsiona a secular opressão feminina. As campanhas levadas pelo monopólio de imprensa, figurões e famosos sobre o “direitos das mulheres”, “Não é não”, etc, não são suficientes para reverter os séculos de opressão. São, na verdade, pura demagogia. Apenas uma mão de tinta colorida sobre sua verdadeira face misógina. Sem esquecer a necessidade inegociável da luta para manter os direitos já conquistados, é ilu-

são acreditar que se possa completar a emancipação feminina nos marcos desta sociedade.

A mulher do povo, além de ter menor salário (ganha 21% a menos que os homens), os empregos mais precários (é 80% dos trabalhadores informais) e ter condições dificultadas para se manter empregada, é obrigada, também, a exercer uma dupla jornada de trabalho: o trabalho doméstico não pago.

Esse trabalho doméstico não pago, invisível e embrutecedor realizado pela mulher trabalhadora, garante que o empregador mantenha os salários extremamente baixos. Enquanto as mulheres das classes dominantes compram os serviços de cozinha, limpeza e cuidado dos filhos, as mulheres do povo são as que precisam fazer essas tarefas, além de trabalhar fora para complementar a renda da casa ou mesmo assegurá-la sozinha. Nos lares populares as mulheres são as primeiras a levantar e as últimas a deitar. No Brasil, esse trabalho invisível é, em média, de 21,3 horas por semana.

Por sua vez, os salários baixos mantém o trabalhador(a) e sua família em condição de vida precarizada, e são parte da engrenagem das crises cíclicas: reduzindo o consumo e gerando as crises de superprodução.

E é nesses momentos de crise que aumentam todo tipo de violências e barbáries: extração das riquezas e maior reacionarização nos países de governos lacaios do imperialismo e

Continua na próxima página

## Caso Daniel Alves: qual é o preço do estupro?

Daniel Alves, agora ex-jogador de futebol, foi condenado a quatro anos e seis meses pela justiça espanhola por ter estuprado uma jovem em uma boate em Barcelona. O tempo de prisão (bem inferior, por exemplo, ao que prevê a legislação brasileira) foi atenuado pelo pagamento de uma multa do condenado no valor de 900 mil reais, pagos, pelo que consta, pelo

seu “parça” Neymar. Além da diminuição da pena, Daniel Alves tenta obter a saída antecipada da prisão, até o fim de abril, mediante o pagamento de uma espécie de “caução”.

Noutras palavras, trata-se de uma espécie de bizarro “seguro estupro”.

Pois sim, quanto vale um estupro? Isto, de um lado, escancara o caráter hipócrita da ideologia burguesa, que não

vê as relações humanas mais do que meras mercadorias a serem negociadas como qualquer outra (do que vivem as chamadas “redes sociais” a não ser da mercantilização, precisamente, daquilo que há de mais humano em nós?), e, no caso das mulheres, como objetos de consumo - que podem, como quaisquer objetos, ser precificados. Pode-se então dizer que o

trauma, físico e psicológico, da vítima, vale 900 mil reais? Em que, essencialmente, isso se diferencia, digamos, da justiça tribal afegã, condenada como bárbara pelo “Ocidente”, por ser nela comum a “indenização” de maridos às famílias de suas esposas assassinadas com cabras e pedaços de terra?

Além disso, também cai por terra, com esta indenização

em troca da pena, qualquer vaga ideia de uma “justiça” igualitária para todos: pelo mesmo crime bárbaro de estupro (no caso de Daniel Alves, o processo trouxe à tona provas incontroversas), um milionário não responderá como um pobre. Vale, aqui, o que vale em outras partes na sociedade capitalista: para a burguesia, desde sempre, o crime compensa.

# Sob Luiz Inácio, a situação das mulheres trabalhadoras não mudou em nada

A despeito de todas as promessas durante o último período eleitoral – no qual a situação das mulheres foi, exatamente, um dos pontos mais debatidos – a vida das mulheres do povo, sobretudo das suas camadas mais pobres, como a das moradoras de favelas nas cidades e das camponesas sem-terra ou com pouca terra no interior, não sofreu nenhuma alteração, nem de forma e nem de fundo.

Nesse período, o governo oportunista, de Luiz Inácio e Alckmin, praticou sua agenda de “governabilidade” (leia-se: aliança com a mesma coalizão reacionária que é governista qualquer que seja o governo, de Sarney a Bolsonaro) e apaziguamento com os generais golpistas e a extrema-direita, às custas dos interesses populares. Mesmo medidas tímidas, cogitadas nas eleições, como a taxação das grandes fortunas e o reconhecimento dos direitos trabalhistas para trabalhadores de aplicativos, não foram implementadas. Para os pobres, ao contrário, a única política tem sido o incremento da violência no campo e na cidade.

Outro fato gritante da crise é o incremento da violência política, tal como se evidenciou nos recentes assassinatos da liderança quilombola Mãe Bernadete e da Pajé Nega pataxó, ambos no estado da Bahia, cujo governo do petista Jerônimo Rodrigues nada tem feito para reduzir as empreitadas do latifúndio de extrema direita contra as terras públicas e territórios indígenas. Ainda mais encorajados pela recente aprovação do criminoso marco temporal, associações de latifundiários, grileiros e ladrões de terra como o grupo “Invasão zero”, tem armado e treinado verdadeiros exércitos de



Crise econômica pesa ainda mais sobre as mulheres

pistoleiros para promover reintegrações de posse ilegais, assassinar lideranças e tentar conter a luta pela terra. A maioria desses senhores compõem a base social do bolsonarismo e da extrema direita, defende abertamente o retorno de seu líder ao governo e o desfecho do golpe militar fascista. Enquanto isso, Luiz Inácio e seu ministro entregam o orçamento a seus “aliados” Artur Lira e outros bandidos de colarinho branco do Congresso, como se semelhante política de apaziguamento pudesse conter a sanha golpista que emana sobretudo das Forças Armadas e dos latifundiários.

Os recorrentes episódios de chacinas policiais – como os derivados da “Operação Verão”, em Santos, que já resultou em 54 mortes, além do sítio permanente das favelas cariocas – desnudam a verdadeira guerra civil reacionária das classes dominantes de grandes burgueses e latifundiários serviços do imperialismo, principalmente ianque, contra o povo. Como temos visto, para armar as polícias e equipar a repressão em todos os níveis não há contingenciamento de

gastos nem teto fiscal. Para saúde e educação, os cortes de verbas, a desvalorização dos profissionais e a degradação estrutural são uma rotina, como se revela na incapacidade do Estado em prevenir e oferecer assistência aos trabalhadores durante a atual epidemia de dengue. Numa palavra, para os ricos, tudo, para o povo, nada!

As promessas de políticas públicas para as mulheres, que foram trombeteadas durante a farsa eleitoral, já foram esquecidas. O que foi feito foi pura maquiagem, como é o caso da distribuição de absorventes menstruais no “programa farmácia popular”, para o qual se demanda uma burocracia sem fim na comprovação de pobreza, uma exposição e humilhação que inibe a busca por parte de muitas mulheres. Assuntos como a valorização do salário-mínimo e a própria lei de equiparação de salários entre homens e mulheres da mesma profissão se tornaram letra morta. A maioria das mulheres seguem sem emprego formal, e “se viram” como podem para sustentar seus filhos. Entre as trabalhadoras, as

mulheres negras lideram os piores índices de desemprego, remuneração e ocupação em emprego desprotegido, sem carteira assinada e sem direitos.

A crise econômica, o desemprego e a inflação pesam ainda mais sobre as mulheres. Segundo demonstrou a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, apurada pelo IBGE, no quarto trimestre de 2023 aumentou a desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho. De 20%, no trimestre anterior, aumentou para 25% a diferença de renda entre homens e mulheres. Elas ganham em média 25% a menos. As mulheres trabalhadoras, especialmente as trabalhadoras negras, são as mais penalizadas pela fome e o desemprego – o desemprego feminino é 55% maior que o masculino, e 47% das mulheres vivem em situação de insegurança alimentar.

Essa desproteção econômica nos expõem a outras violências. Deste modo, apenas nos quatro primeiros meses de 2023 17.500 violações sexuais contra crianças ou adolescentes foram registradas, e apesar dessa realidade cruel o acesso ao aborto nos termos da lei vigente (estupro, que ponha em risco a vida da mãe e anencefalia fetal) tem sido cada vez mais dificultado nos serviços públicos de saúde, obrigando as mulheres a correr risco de vida para realizar o aborto.

## Impulsionar a Revolução de Nova Democracia e o protesto popular!

A grave crise econômica, política e militar a qual chegou o país não é um fato conjuntural nem passageiro: suas raízes estão nos cinco séculos de latifúndio e dominação, primeiro

colonial, imperialista depois. Uma economia submetida pelo latifúndio e pelo imperialismo, sempre achacada e sem margem para o desenvolvimento nacional. Classes dominantes lacaias do imperialismo, sócias menores, que se contentam com migalhas. Crise política permanente, situações revolucionárias frequentes e recorrentes intervenções militares.

Ademais do insuportável jugo que pesa sobre o nosso povo, as mulheres carregam ainda uma quarta montanha de exploração: a opressão feminina. Esta, se expressa no trabalho doméstico não pago; na forma inferiorizada e preconceituosa como as mulheres são vistas pela ideologia machista; nos salários mais baixos e nas condições mais aviltantes de trabalho que incidem sobre nós, além de várias outras consequências espirituais, como a autossubestimação, que nos amarra a situações infelizes e nos adocece.

Nesse 8 de março, nós, do Movimento Feminino Popular, fazemos um chamado às mulheres trabalhadoras do campo e da cidade a impulsionar a Revolução Agrária e Protesto Popular, engrossando assim as fileiras da Revolução de Nova Democracia em nosso país. Devemos, parte por parte e em cada rincão desse país, arrancar o que é nosso por direito – terra, pão, emprego, até que tenhamos o governo de tudo, isto é, o poder. Que esta data memorável, que se inscreve no rol das datas do Proletariado Internacional, marque uma vez mais com selo de classe a necessidade de ligar todas essas lutas de resistência à luta por um Brasil e um Mundo Novos, nos quais tremule soberana a bandeira vermelha.

## Continuação Editorial

guerras de rapinas em todo mundo.

Não há, sob o imperialismo, perspectivas de avan-

ço para os trabalhadores e trabalhadoras a não ser aqueles impulsionados pela própria corrente da luta

popular e revolucionária. As mulheres, frente dos protestos tanto nos bairros dos países imperialistas

como nas vilas e favelas dos países oprimidos, de braços dados com os homens da sua classe só alcança-

rão sua completa emancipação com o varrimento desse apodrecido sistema de exploração.

# Origem e significado do 8 de março

O dia 8 de março - Dia Internacional da Mulher Proletária tem uma importância especial na luta revolucionária de todos os povos. O tributo à luta das mulheres das classes exploradas e oprimidas de todos os países foi proposto por Clara Zetkin - dirigente do Partido Social Democrata (Comunista) da Alemanha - na II Conferência de Mulheres Socialistas em 1910, realizada na Dinamarca. Aprovada pelas delegadas, a homenagem foi realizada em dias diferentes nos primeiros anos.

No dia 8 de março de 1917, no auge de uma situação revolucionária, ocorreu uma passeata com dezenas de milhares de operárias contra a fome, a guerra e o czarismo, sob a direção dos bolcheviques em Petrogrado, então capital da Rússia, dando início a uma greve geral política contra o regime czarista. Esses acontecimentos marcaram o período revolucionário mais importante da humanidade - a Grande Revolução Socialista de Outubro em 1917 - quando a classe operária russa e a classe camponesa aliada histórica, tomam o poder e iniciam a construção da primeira pátria socialista da história, a União das Repúblicas Socialistas



*O 8 de março está profundamente vinculado a Revolução Proletária Mundial*

Soviéticas - URSS. É em homenagem a esta rebelião das operárias russas que a celebração do Dia Internacional da Mulher Proletária passa a ser realizada no dia 8 de março, pelos movimentos revolucionários de mulheres em todo o mundo, como marca do conteúdo de classe da data.

Nos anos de 1950, as classes dominantes reacionárias tentaram suprimir essas referências históricas vinculadas ao Movimento Comunista Internacional, tentando transformar a data em dia internacional de todas as mulheres, exploradas e oprimidas,

soras e oprimidas. Apresentaram a versão mentirosa de que a greve das tecelãs em Nova Iorque, quando morreram 129 operárias e 17 operários, num grande incêndio trancado pelos patrões dentro do prédio em chamas, havia ocorrido no dia 8 de março e daí essa data passou a ser comemorada internacionalmente. Como não podiam suprimir o caráter classista de uma data já consolidada em todo o mundo, buscaram então uma luta acontecida fora do território socialista.

A defesa dos livros de história da burguesia, repetida em coro pelo oportunismo

e o revisionismo, fazendo referência às operárias de Nova Iorque é, portanto, uma farsa. Não que o fato não tenha ocorrido, nem que a luta das operárias estadunidenses não tenha importância e não seja parte do movimento operário internacional. Pelo contrário, elas são heroínas da luta do proletariado e pela emancipação da mulher. Mas seu heroísmo não se deu no dia 8 de março, e sim no dia 25 de março de 1911. O Dia Internacional da Mulher Proletária não foi instituído com referência nesse acontecimento e sim na Grande Revolução

Socialista de Outubro em 1917.

O que o imperialismo pretende na verdade é negar que o Dia 8 de Março está vinculado à Revolução Proletária Mundial e pertence, portanto, às massas exploradas e oprimidas de todo o mundo que combatem o imperialismo. Isso a reação não pode permitir que sua vã tentativa de negar a revolução e de apagar da história os feitos históricos da classe operária e do campesinato dirigidos pelo grande Partido Comunista da União Soviética, sob a grande liderança de Lenin e Stalin.

140 anos:

## “A origem da família, da propriedade privada e do Estado”

Publicado em 1884 por Friedrich Engels, trata-se da obra marxista mais importante para a explicação histórica da opressão feminina. Demonstrando como as relações entre homens e mulheres se modificaram conforme o desenvolvimento da capacidade humana de intervir na natureza e como isso refletiu nas diversas formas de organização da família até a monogamia e na passagem da barbárie a civilização.

Na tese do MFP “**A emancipação da mulher é obra da revolução proletária**” apresentamos um breve resumo que diz:

“Nas primeiras formações sociais humanas (as gens), predominou por séculos o matriarcado, onde a mulher tinha pre-

ponderância e grande importância política e social. O matriarcado era a forma de organização das primeiras famílias humanas anteriores ao surgimento da propriedade privada. O surgimento da propriedade privada, derivado da formação de excedentes da produção, modifica de maneira profunda as relações sociais existentes. Os homens começam a transformar os vencidos nas lutas entre os grupos pela sobrevivência, em escravos, para suprir as maiores necessidades de mão de obra. Nesse momento ao homem, a quem na divisão do trabalho até então cabia principalmente a caça, pertenciam portanto, as ferramentas e utensílios necessários para sua função; e pertenciam por sua

vez à mulher os utensílios ligados à sua função de trabalhar principalmente na agricultura e no trato das coisas domésticas. Assim, a nova divisão do trabalho vai gerar a preponderância masculina. Com a produção de excedentes coloca-se de maneira distinta o problema da herança que antes passava pela linhagem materna, e não havendo excedentes de produção, era composta de poucos utensílios. Com a produção de excedentes, sob propriedade dos homens, esses vão buscar também o reconhecimento da herança para seus filhos e a sociedade passa a se organizar segundo a linhagem paterna. Dessa forma 'O desmoronamento do direito materno, foi a grande derrota histórica do sexo

feminino em todo o mundo. O homem apoderou-se também da direção da casa; convertida em servidora, em escrava da luxúria do homem, em simples instrumento de reprodução.' (Engels) O desenvolvimento do patriarcado atinge nossos dias e para fazê-lo valer foi necessário alterar tradições ancestrais, substituindo-as por outras aplicadas a partir do ponto de vista da sociedade dividida em classes. Dessa maneira, as mulheres passarão a sofrer dois tipos de opressão: sua opressão enquanto classe e a outra enquanto gênero. E os diferentes modos de produção se aproveitaram dessa situação a seu favor sendo que no capitalismo o trabalho não pago doméstico efetuado pelas mulheres

têm o importante papel de reduzir o valor da força de trabalho e aumentar o lucro do capitalista.”

A preocupação de Engels sobre a opressão feminina ultrapassou o aspecto teórico e estando ele profundamente vinculado com o movimento operário, acompanhou, na Alemanha, a luta de destacadas lideranças comunistas como Clara Zetkin que travavam hercúleos esforços para organizar a luta sindical das mulheres e pela sua incorporação ao Partido Social-Democrata Alemão. Luta que se elevou até os congressos da II internacional, tendo como resultado uma grande incorporação feminina aos Partidos Comunistas.

Baixe o pdf do livro em nosso site.